

*UNE AFFAIRE DE FEMMES*¹

tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira
[IEL-UNICAMP]

NUTRIZ – Nunca a nau Argo, rumo a solo cólquido,
transvoasse as Simplégades cianas!
Jamais nos pélios lucos decaísse
cortado pinho que virasse remo
em mãos de bravos que o pancríseo velo
deram a Pêlias! Pois Medéia minha
dona às torres da terra de Iolco não
viria, por Jasão de amor turbada;
nem de Pêlias as filhas suadiria
a matá-lo; aqui nunca viveria
com seu marido e filhos, agradando
êxule ao povo da coríntia terra,
ela em tudo concorde com Jasão.
A segurança torna-se suprema
quando mulher do esposo não disside.
Mas ora é tudo imigo, sofre o amor:
traiu seus filhos e a senhora minha
Jasão e em núpcias régias vai deitar-se
co' a filha de Creonte, o soberano.
Medéia, a miseranda, desonrada
evoca juramentos, clama a fé
empenhada: deidades chama testes

1. Tradução de Eurípides. *Medéia* (texto editado por Denys Page), versos 1-266.

do que recebe de Jasão em troca.
Jaz inane, seu corpo entregue a dores,
esvaindo-se o tempo todo em lágrimas,
pós ouvir que seu homem a lesara.
Nem alça os olhos nem afasta o rosto
da terra e como pedra ou onda equórea
condescende aos conselhos dos amigos –
exceto quando vira o colo alvíssimo
e deplora consigo o caro pai,
a terra, a casa que traiu ao vir
com o varão que desonrada a tem.
Aprende a desgraçada, no desastre,
que deixar não se deve o solo pátrio.
Odeia os filhos; não lhe apraz olhá-los.
Tremo que trame novidades, pois
o espírito tem grave e a dor não há
de suportar: eu a conheço e temo
que no fígado finque agudo gládio,
após entrar silente no aposento
ou que mate o tirano e o que se casa
e receba depois maior desdita.
Ela é terrível: quem seu inimigo
se tornar não trará vitória fácil.
Mas eis que, findas as corridas, vêm
as crianças, incôncias das agruras
da mãe: sofrer não ama a mente nova.

PEDAGOGO – Da casa de Medéia serva prístina,
por que, às portas, nesta solidão
estás postada a lamentar teus males?
Como ela te consente abandoná-la?

NUTRIZ – Velho que segue os filhos de Jasão,
para bons servos é desastre o azar
de seus amos e ataca-lhes as almas.
Pois cheguei a tal grau de dor que veio
desejo de dizer a terra e céu
o destino que coube a minha dona.

PEDAGOGO – Já não parou a pobre de planger?

NUTRIZ – Ingênuo! A dor começa: nem meou.

PEDAGOGO – Tola - se posso dizer isso dela...
Pois dos mais novos males nada sabe.

NUTRIZ – Velho, o que há? Não deixes de explicar!

PEDAGOGO – Nada. Já me arrependo do que disse.

NUTRIZ – Não (rogo!) o ocultes de colega serva!
Se necessário mantereis silêncio.

PEDAGOGO – Ao ir lá onde os velhos jogam dados,
junto à água sacra de Pirene, ouvi
(fingindo não cuidar) alguém dizer
que estas crianças, com a mãe, de solo
coríntio banirá o soberano
Creonte. Se essa história é certa, ignoro.
Mas gostaria que não fosse assim.

NUTRIZ – Jasão suportará que assim seus filhos
sofram – mesmo se briga com a mãe?

PEDAGOGO – Velhas cedem às novas alianças,
e ele não mais é amigo desta casa.

NUTRIZ – Perecemos então, se apomos novo
mal ao velho que não se hauriu ainda.

PEDAGOGO – Mas tu – pois não é hora de sabê-lo
a dona – fica calma e cala as novas.

NUTRIZ – Filhos, ouvis como é convosco o pai?
Que ele morra... Mas não! Pois é meu dono!
Mas é certo que é mau com seus amigos.

PEDAGOGO - Mas quem não é? Percebes já que todo
mortal ama a si mesmo mais que ao próximo
[uns com justiça, outros pelo ganho]:
não mais os ama o pai, por novas núpcias.

NUTRIZ – É melhor irdes para dentro, filhos;
tu, ao máximo tem-nos isolados

e não os chegues à abatida mãe,
pois já a vi fitá-los táurea, como
se a tramar algo, nem será sua raiva
finda (sei) antes que fulmine alguém.
Que contra os hostes – não amigos – trame!

MEDÉIA – Heu,
pobre de mim, triste de dores,
heu, heu, quisera perecer!

NUTRIZ – Eis, caros filhos: vossa mãe
remói-se o peito, remói raiva.
Ide céleres para dentro
e não deixeis que ela vos veja
nem vos chegueis, mas evitai
fero gênio e torva natura
de cor altivo!
Rápido, ide já para dentro!
Logo inflamará com mais fúria
nuvem de lamúria ascendente
desde o começo. O que fará
a indômita megalosplâncnica
alma remordida de males?

MEDÉIA – Ai ai,
vale grande pranto o que sofro,
sofro, infeliz. Ó execráveis
filhos de horrenda mãe, morrei
com o pai – e que caia a casa!

NUTRIZ – Heu, infeliz,
que têm teus filhos com a falha
do pai? Por que os odeias? Ai,
filhos, temo que sofras algo!
É atroz de tiranos a têmpera:
raro obedecem, mandam muito
e rudemente mudam ânimo.
Melhor é a vida em equidade.
Que eu possa envelhecer segura
cercada dos que não são grandes!
O nome da moderação

já vence e seu uso é profícuo
(e muito!) aos mortais. Mas o excesso
é inoportuno, nada pode
e traz maior ruína quando
um deus se agasta contra a casa.

CORO – Ouvi vozes, ouvi gritos
da pobre vinda da Cólquida,
inda não mansa. Mas, velha,
fala! Do soportal gritos dentro da sala
ouvi; não me comprazo, ó mulher, com as dores
da casa, pois é cara para mim.

NUTRIZ – Não há mais casa. Foi-se já.
Ele é presa de leito régio,
ela esvai sua vida no tálamo,
a dona, e de amigo nenhum
voz nenhuma aquece-lhe o peito.

MEDÉIA – Ai ai!
Fenda-me a testa flama célica!
Que lucro há no meu viver?
Que se me dissolvesse a vida
hórrida, que confio à morte!

CORO – Ouves – ó Zeus, terra e luz –
que som entoa a infeliz
esposa?
O que é tal amor teu
do leito tetro, ó vã?
Apressas o fim fatal?
Não o supliques!
Se teu marido
novo tálamo venera,
isso é comum. Não te acerbes:
defender-te-á Zeus. Não te consumas
demais a planger teu cônjuge!

MEDÉIA – Grande Têmis, soberana Ártemis,
vedes o que sofro, ligada
com grandes juras a marido

pérfido? Que inda eu possa vê-lo,
a noiva e a casa lacerados!
Ousaram lesar-me primeiro.
Ó pai, ó pátria que em opróbrio
deixei, pós matar meu irmão!

NUTRIZ – Ouvis o que diz, como evoca
Têmis votiva e Zeus que guarda
de juras julgam os mortais?
Não há modo de em pouca coisa
a senhora cessar sua raiva!

CORO – Como a nós fazê-la vir
e ouvir da palavra dita
o som,
para ver se deporá
ira grave e ardor de ânimo?
Meu zelo ao menos não faça
falta aos amigos!
Mas vai e trá-la
cá fora de casa e diz-lhe:
também nós somos amigos!
Fá-lo veloz, antes que fira alguém:
sua dor prorrompe com ímpeto.

NUTRIZ – Faço-o, mas temo não persuada
minha senhora.
Contudo dou-me adrede à lide.
Mas, como leoa puérpera,
fixa táurea os servos se um deles
avança a levar-lhe conselhos.
Não erra quem diz íncios, *gauches*
os mortais que antanho criaram
hinos para festividades,
para bodos e para bródios,
gaias melodias de vida.
Mas ninguém sabe como estígeos
lutos cessar – causa de mortes
e atos casos que rasam casas –
com a musa e odes policórdias.
E que lucro, curar tais lutos

com cantos! Mas se há lautas festas,
 por que em vão elevam a voz?
 Pois o pleno pasto presente
 por si já dá gozo aos mortais.

CORO – Ouvi som
 gemente de guais;
 estrídulos grita sons lúgubres
 contra esposastro infido em leito.
 Lesada, evoca a filha
 de Zeus, Têmis das juras, que a fez ir
 para a Hélade opósita,
 em pélago noturno, pelo impérvio
 salso fecho do Ponto

MEDÉIA – Mulheres de Corinto, vim aqui
 para não me acoimardes: sei que altivos
 são muitos dos mortais – alguns, não vistos;
 outros, publicamente. Mas há quem,
 por ter pé tardo, seja dito ignavo.
 Em olhos de mortais não há justiça,
 se um homem, não lesado, à prima vista
 outro odeia, sem o imo conhecer-lhe.
 Deve ceder muito à cidade o ádvena.
 Mas não aprovo presunçoso autóctone
 que por insciência é invisível aos cidadãos.
 Esta sorte que rui sobre mim súbita
 rompeu-me a alma; parto pois perdi
 prazer de vida: quero a morte, amigas!
 O esposo que era tudo para mim
 tornou-se – bem o sabe – o pior dos homens.
 De quantos seres alma e mente têm,
 nós os mais míseros, mulheres, somos.
 Com grande dote cabe-nos comprar
 marido que há de ser de nosso corpo
 dono – e é esse o mal mais doloroso.
 E o ponto crítico: um dono mau
 ou bom? Para mulher não há divórcio
 probado e é vedado rejeitar marido;
 entre novos costumes, novas leis,
 resta-lhe adivinhar (não aprendeu

em casa) como bem lidar com cônjuge.
E se passamos por tal pena, e esposo
conosco se conjuga de bom grado,
vida invejável! Se não, urge a morte.
Quando um marido oprimem os de casa,
vai para fora e cessa o tédio do ânimo
[junto com um amigo ou coetâneo].
A nós, dever de ver uma alma só.
Dizem que havemos vida imperigosa
no lar e eles, porém, com lança lutam;
pensam mal, pois três vezes prefiro égide
empunhar a parir uma só vez.
Mas não se aplica a nós a mesma lógica:
tens esta pátria, a casa de teu pai,
confortos, companhia dos amigos;
eu, só, apátrida, butim de bárbara
terra, sou ultrajada pelo esposo;
não tenho mãe, irmão, nenhum parente
em que desta procela encontre abrigo.
Então só isto quero obter de ti:
se eu puder achar meio ou mecanismo
para que o esposo expie essas vilezas
[e aquele que lhe deu nubente filha],
silêncio! Pois mulher de medo é plena,
vil para a luta e quando mira lâmina;
mas sempre que no leito ela é lesada,
não há temperamento mais carnífice.